



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO - UFOP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E BIOLÓGICAS - ICEB
DEPARTAMENTO DE COMPUTAÇÃO - DECOM



ANANDA MENDES SOUZA

MARCUS VINÍCIUS SOUZA FERNANDES

**ANÁLISE SOBRE AS IDEIAS PRINCIPAIS
DOS FILÓSOFOS SÓCRATES E OS
SOFISTAS E PLATÃO**

TRABALHO DE INTRODUÇÃO À FILOSOFIA

OURO PRETO

2021

ANANDA MENDES SOUZA
MARCUS VINÍCIUS SOUZA FERNANDES

**ANÁLISE SOBRE AS IDEIAS PRINCIPAIS DOS
FILÓSOFOS SÓCRATES E OS SOFISTAS E PLATÃO**

TRABALHO DE INTRODUÇÃO À FILOSOFIA

Terceiro resumo, referente à disciplina Introdução à Filosofia da matriz curricular do Curso de Ciência da Computação da Universidade Federal de Ouro Preto, a ser utilizado como parte dos requisitos para obtenção de nota.

Orientador: Romero Alves Freitas

OURO PRETO

2021

SUMÁRIO

1.	SÓCRATES E OS SOFISTAS	4
2.	PLATÃO	6
3.	REFERÊNCIAS	8

1. SÓCRATES E OS SOFISTAS

O pensamento defendido por Sócrates (470/469 – 399 a.C) e também pelos sofistas de que as questões humanas são essencialmente distintas das questões naturais, representa uma grande revolução em relação às estruturas anteriores de pensamento estabelecidas pelos filósofos denominados pré-socráticos ou naturalistas, que tinham a natureza como o centro de tudo, com leis próprias que a regem, possibilitando a compreensão de diversos fatores sem que houvesse a necessidade de recorrer ao sobrenatural.

O pensamento de Sócrates é um marco na constituição de nossa tradição filosófica, e pode-se dizer que inaugura a filosofia clássica rompendo com a preocupação quase que exclusivamente centrada na formulação de doutrinas sobre a realidade natural que encontramos nos filósofos pré-socráticos (MARCONDES, 2007, p.47).

Ao contrário dos pensadores naturalistas, Sócrates concentrou seus interesses na problemática do homem, e buscando respostas para o que seria sua essência, ele chega à conclusão de que “o homem é sua alma”, e que é sua alma que o distingue de qualquer outra coisa, sendo a “alma” entendida por Sócrates como a nossa razão e a sede de nossa atividade pensante e eticamente operante, em poucas palavras, ela seria a consciência e a personalidade intelectual e moral (REALE; ANTISERI, 2003, p.95). Dentro desta concepção, o filósofo defende que cuidar de si mesmo significa cuidar da própria alma mais que do corpo, justificando o raciocínio através da ideia de que uma coisa é o “instrumento” que se usa, e outra é o “sujeito” que usa o instrumento, determinando que o “homem” usa o próprio corpo como instrumento e com isso estabelecendo uma distinção entre homem e corpo (2003, p.95).

A partir da descoberta da alma e do entendimento que a “virtude do homem outra não pode ser senão aquilo que faz com que a alma seja tal como sua natureza determina que seja, isto é, boa e perfeita” (REALE; ANTISERI, 2003, p.95), Sócrates define que esse elemento é a “ciência” ou o “conhecimento”, e em contrapartida o “vício” seria a ignorância. Dentro desse raciocínio o filósofo opera uma revolução no tradicional quadro de valores, considerando que os “verdadeiros valores não são os ligados às coisas exteriores, como a riqueza, o poder, a fama, e tampouco os ligados ao corpo, como a vida, o vigor, a saúde física e a beleza, mas somente os valores da alma, que se resumem, todos, no “conhecimento” (REALE; ANTISERI, 2003, p.95). Os valores destacados por Sócrates não pregam demasiado desmazelo em relação ao corpo, apenas diz que as virtudes da alma devem ser priorizadas.

Ao estudarmos Sócrates, logo de início fica evidente o “problema das fontes” devido ao fato de o filósofo não ter fundado Escola, e por opção não ter deixado seus pensamentos registrados através da escrita, realizando seus ensinamentos em locais públicos como ginásios, praças públicas dentre outros (2003, p.93). De fato, Sócrates defendia que a filosofia deveria partir do diálogo, e possuía um método dialético:

A dialética socrática opera inicialmente através de um questionamento das crenças habituais de um interlocutor, interrogando-o, provocando-o a dar respostas e a explicitar o conteúdo e o sentido dessas crenças (2007, p.58).

Apesar de tanto Sócrates, quanto os sofistas colocarem as questões humanas em foco, a semelhança entre suas correntes de pensamento se encerra aí, tornando-se opostas, pois enquanto Sócrates defende que “podemos partir das convenções contingentes e encontrar algo universal e necessário, por meio do raciocínio lógico, os sofistas são totalmente opostos a esse pensamento, pois para eles só se podia ter opiniões subjetivas sobre a realidade, partindo do pressuposto que as realidades se alteram de acordo com os sujeitos que a vivenciam. Para além dessa oposição de ideias, existia também uma crítica de Sócrates ao ensinamento sofista, que para ele se limitava a uma mera técnica ou habilidade argumentativa visando convencer o oponente daquilo que diz, não levando a um verdadeiro conhecimento (MARCONDES, 2007, p.58). Os sofistas eram mestres da retórica e da oratória, e costumavam percorrer as “cidades-Estado” fornecendo seus ensinamentos, sua técnica e suas habilidades aos governantes e políticos em geral (2007, p.50).

O método socrático que envolvia o questionamento do senso comum, dentre outras crenças e opiniões, era seguido da utilização de ironia e refutação com objetivo de problematizar tais pensamentos e fazer com que o interlocutor caísse em contradição e acabasse percebendo a insuficiência de suas crenças passando a reconhecer sua ignorância, que é de certa forma o sentido da célebre fórmula socrática “só sei que nada sei”, que estabelece o conceito de que o reconhecimento da ignorância é o princípio da sabedoria (MARCONDES, 2007, p.58).

Dessa forma pode se constatar que a oposição entre a “filosofia” como conhecimento genuíno, e a “retórica” como técnica de persuasão, pode ser explicada pela oposição entre o método socrático que busca o conhecimento através do diálogo ainda que compreenda as limitações admitidas pelo reconhecimento da ignorância, em relação a retórica sofista que enquanto técnica de persuasão pressupõe não se preocupar com a verdade do que diz.

2. PLATÃO

A obra de Platão se caracteriza como a síntese de uma preocupação com o conhecimento verdadeiro e legítimo, com a moral e a política. Entende a filosofia com a função pedagógica e política da questão do conhecimento. “Sua conclusão é que o conhecimento em seu sentido mais elevado identifica-se com a visão do Bem.” (MARCONDES, 2007, p.63).

Diz a lenda que Platão ministrou cursos intitulados *Sobre o bem*, porém não quis escrever sobre. Em tais cursos, discorria sobre os primeiros princípios, adestrando os discípulos para a compreensão desses princípios através de rigoroso tirocínio metódico e dialítico. Por isso, Platão estava convencido de que “tais princípios não podiam ser transmitidos senão mediante adequada preparação e rigorosas observações, que só podem ocorrer no diálogo vivo e no emprego da dialética oral.” (REALE; ANTISERI, 2003, p.135).

“Esquemáticamente podemos identificar na concepção platônica as seguintes oposições:

Opinião	X	Verdade
Desejo	X	Razão
Interesse Particular	X	Interesse Universal
Senso Comum	X	Filosofia

” (MARCONDES, 2007, p.63).

Assim, a filosofia corresponderia a superação do senso comum chegando à totalidade do conhecimento em todas as áreas. “É isso que significa a universalidade da razão. A prática filosófica envolve assim, em certo sentido, o abandono do mundo sensível e a busca do mundo das ideias.” (MARCONDES, 2007, p.63).

A dialética platônica tem como ponto de partida o senso comum, a opinião, submetidos a um reexame crítico, o que chega a ser contraditório visto que a filosofia platônica busca o rompimento com o senso comum. O filósofo conduz seu interlocutor a descobrir ele próprio a verdade.

Segundo Platão, “é necessário desenvolver uma teoria sobre a natureza dos conceitos e das definições a serem obtidas.” Esse pensamento pode ser considerado o início da metafísica clássica.” (MARCONDES, 2007, p.69). Visto que, as decisões nunca devem ser meramente práticas, baseadas em um caso concreto ou uma experiência particular, e sim, devendo partir de certos princípios e valores gerais, ou seja, princípios. “Esses valores são

formas ou ideias que devem ser universais, isto é, gerais, abstratos, permanentes, para que possam realmente orientar nossa ação, sem que precisemos refazer todo o processo a cada nova decisão.” (MARCONDES, 2007, p.72). Este lado do racionalismo era até então pouco falado e Platão é um dos primeiros a inaugurar. Platão enfatiza que a teoria está a serviço de uma aplicação prática justificada teoricamente, sendo que justificar significa basear-se em princípios que vão além do simplesmente imediato e superficial.

“As ideias platônicas não são simples conceitos mentais, mas são "entidades `` ou "essências `` que subsistem em si e por si em um sistema hierárquico bem organizado, e que constituem o verdadeiro ser.” (REALE; ANTISERI, 2003, p.155).

Deste modo, para investigar e conhecer um objeto, é preciso identificar antes este objeto; porém, como identificá-lo sem saber o que é? Segundo Platão a solução consiste em supor um conhecimento prévio que a alma traz consigo desde o seu nascimento e que resulta da contemplação das formas, às quais contemplou antes de encarnar no corpo material e mortal. Porém, ao encarnar a alma tem a visão das formas obscurecidas. “O papel do filósofo é despertar esse conhecimento esquecido, fazendo assim com que o processo tenha início e o indivíduo possa aprender por si mesmo.” (MARCONDES, 2007, p.73).

Portanto, Platão usou o “mito da caverna” para sintetizar todo o seu pensamento, o qual tentamos entender um pouco por meio desta análise, o mito pode-se interpretar ao menos em quatro níveis:

- “em nível ontológico, segundo o qual aquilo que está dentro da caverna seria o mundo material e aquilo que está fora o mundo supra-sensível;
- em nível gnosiológico, segundo o qual o interior da caverna representaria o conhecimento sensível (opinião) e o exterior da caverna o conhecimento das ideias;
- em nível místico-teológico, segundo o qual o interior e o exterior representam respectivamente a esfera mundana material e a espiritual;
- em nível político, porque implica um retorno à caverna de quem tinha conquistado sua liberdade, por solidariedade com os companheiros ainda prisioneiros, e com a finalidade de difundir a verdade.” (REALE; ANTISERI, 2003, p.163).

3. REFERÊNCIAS

REALE, G; ANTISERI, D. História da filosofia: filosofia pagã, v.1/ Giovanni Reale, Dario Antiseri; [tradução Ivo Stomilo]. - São Paulo: Paulus, 2003.

MARCONDES, D. Iniciação à História da Filosofia: Dos Pré-Socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro, 2007.